

Contradições em escrita de filhos de filhos de imigrantes: duas memórias que assombram Hamlets hodiernos*

Elzira Yoko Uyeno**

Resumo

A proeminência de contradições, em textos argumentativos de temas de caracteres subjetivos redigidos por filhos de filhos de imigrantes japoneses, em nível superior, deflagrou esta pesquisa a que se relata. Submetidas à análise sob um olhar discursivo-desconstrucionista e psicanalítico, as contradições não se revelaram de natureza bilíngüe e de ordem lingüística, como tradicionalmente se atribui, mas discursiva. Essas contradições constituem um simulacro material do interdiscurso pelo qual o sujeito se revela afetado não só pelo discurso do outro, como tal, da memória discursiva, mas pelo discurso do Outro, como tal, de uma “memória especular” psicanalítica. O discurso revelou abrigar dois embates: um sócio-histórico que engendra a sua subjetividade e outro psicanalítico que engendra suas identificações. Esses embate remetem a uma identidade pós-moderna e, como tal, cindida entre o que vive, hoje, em um Brasil globalizado e o que viveram seus pais em história brasileira recente como filhos de imigrantes.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Psicanálise; Memória; Identidade; Letramento Acadêmico.

Contradiction in sons of immigrants' sons writing: two memories which terrify a contemporary Hamlet

Abstract

Contradictions prominence, in subjective themes academic compositions written by sons of immigrants' sons, was the starting point of this paper. Their discourses, as analyzed under the French perspective Discourse Analysis, deconstruction and psychoanalysis vision, have shown that the contradictions found in their writings do not come from the usual first diagnosis of bilingual, so that linguistic problems, but from discursive order. The contradictions are the material simulation of the interdiscourse by which the individual shows being affected not only by the other's discourse, so that, by the discursive memory, but by the Other's discourse, so that, by the psychoanalytic “reflective memory”. Their discourses have shown sheltering two struggles: a social and historic struggle that engenders their subjectivities and other psychoanalytic that engenders their identifications. Those struggles remit to a post-modern identity and, so that, divided into what they live, today, in Brazil of globalization time and what their parents live in a recent Brazilian history as immigrants' sons

Keywords: Discourse Analysis; Psychoanalysis; Memory; Identity; Academic literacy

O tempo está fora de seus eixos. Maldito seja o desassossego de ter nascido, eu, para fazê-lo entrar nessa ordem (William Shakespeare)

Introdução

A rotina pedagógica de professores de Língua Materna tem nos levado a assumir as contradições presentes em textos redigidos por alunos em quaisquer níveis de ensino como constitutivas dos processos de

letramento e, como tal, têm sido apenas apontadas como erros de argumentação que denotam falhas de ordem da lógica. Pesquisas inseridas em um projeto de letramento acadêmico com ambições discursivas têm-me levado a privilegiar aspectos tangíveis e intangíveis dos processos de desenvolvimento da escrita (Uyeno, 2005 a, b; 2006; 2007 a, b, c; 2008 a, b, c).

A proeminência de contradições, nos textos argumentativos de temas de caracteres subjetivos redigidos por filhos de filhos de imigrantes japoneses, em nível superior, a ponto de se constituírem regularidades discursivas, deflagrou esta pesquisa. Já fazem parte do senso comum as dificuldades apresentadas no domínio da língua portuguesa por filhos de filhos imigrantes e era de se esperar que essas dificuldades se minimizassem com os netos de

*Este trabalho se integra no Projeto de Pesquisa “Discurso, Subjetividade e ensino-aprendizagem de línguas” do Programa de Mestrado em Lingüística Aplicada da Unitaú que se insere nas pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa “Subjetividades e Identificações: efeitos de (d)enunciação” (CNPq), ambos sob minha coordenação.

** Endereço eletrônico: euyeno@uol.com.br

imigrantes.

Balizando-se teoricamente pela Análise do Discurso de perspectiva francesa e pela psicanálise lacaniana, sob o pressuposto da inextricabilidade entre a constituição do sujeito da de seu discurso (Pêcheux¹, 1969/1991; 1975/1988; 1983/1993) que, pletórico, transborda a si, este estudo se consagrou à análise do discurso de filhos de filhos de imigrantes. Mais especificamente, partindo da hipótese de que constituíam contradições de ordem lingüística, determinadas por traços de bilingüismo, esta pesquisa buscou rastrear, na materialidade lingüística de textos produzidos por alunos de nível de ensino superior, traços de bilingüismo responsáveis pelas contradições. Submetido a uma análise preliminar, o corpus revelou que as contradições manifestadas não eram de ordem lingüística, como se supusera, mas de ordem discursiva. Em outras palavras, as contradições que se manifestavam intradiscursivamente revelaram constituir um simulacro material não só do interdiscurso e, como tal, da re-significação do discurso do outro (da história) pelo sujeito (Pêcheux, 1975/1988), mas de formações do inconsciente e, como tal, da determinação do Outro (do inconsciente) sobre o sujeito (Lacan, 1969/1998).

Falar de um sujeito afetado pelo discurso do outro, enquanto interdiscurso, implica convocar os conceitos de memória discursiva e de identidade, uma vez que esta é, em alguma medida, determinada por aquela enquanto constituída de dizeres que se atualizam no momento da enunciação (Courtine, 1994); implica, por conseguinte, falar de subjetividade que dizem respeito aos processos de engendramento sócio-histórico, portanto, ideológico do sujeito (Foucault. Falar de um sujeito afetado pelo discurso do Outro (Lacan), enquanto inconsciente, implica convocar o conceito de identificações, que diz respeito a uma busca, sempre por se realizar, do “eu”, uma nova instância psíquica que se instaurara em um momento especular inaugural de constituição do sujeito e nunca vai abandoná-lo; daí ser possível a nomeação de identificações, assumida por este estudo, de “memória especular”.

A impossibilidade de desconsideração dessas instâncias sócio-histórica e ideológicas e das instâncias psicanalíticas do sujeito, sem que se possa estabelecer um limite entre essas instâncias que se imbricam, permite-nos postular uma identidade pós-moderna dos filhos dos filhos de imigrantes japoneses no Brasil em tempos de globalização. Uma identidade pós-moderna desses netos de imigrantes significa a consideração dos seus processos de subjetivação e dos processos de identificações (Uyeno, 2008a).

Para efeito de archotes iluminadores da análise a ser empreendida, discutem-se, primeiramente, os processos de subjetivação pelo engendramento do sujeito profissional pelo discurso capitalista; em um segundo momento, apresentam-se os fundamentos dos processos de identificações pela determinação do amor do Outro e pela histerização do imigrante (Melman, 1992; Uyeno, 2003); finalmente, apresenta-se a análise do corpus de pesquisa.

Globalização, identidade e processos de subjetivação

Os termos identidade e subjetividade, em seu sentido corrente, têm sido muito freqüentemente tomados como sinônimos. Identidade nesse sentido corrente tem sido tomado como o “conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, quais sejam: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais” (Dicionário Aurélio), definição da qual deriva as expressões documento de identidade ou registro de identidade. A o que “é válido para um só sujeito e que só a ele pertence, pois integra o domínio das atividades psíquicas, sentimentais, emocionais, volitivas deste sujeito”, diz-se subjetividade (Dicionário Aurélio). Certamente, as intersecções de sentidos que dizem respeito a características próprias de um sujeito são responsáveis para que os termos identidade e subjetividade tenham sido tomadas indistintamente.

Ao “aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou conhecido” e, nesse sentido, constituindo qualidade de ser idêntico a outro, também faz parte da definição de identidade (Dicionário Aurélio). A identidade nacional se insere nesse sentido coletivo de um conjunto de características por meio das quais alguém se faz reconhecível como pertencente a uma determinada nacionalidade: o país de nascença, a língua, os hábitos, a cultura e características físicas. São essas características comuns que permitem aos concidadãos um sentido de homogeneidade, de reconhecimento entre si como iguais.

Homogeneidade implica uma bio-política, um poder disciplinador que visou à forma(ta)ção de indivíduos “amorfos em corpos adestrados, dóceis e úteis para a sociedade” (Foucault, 1975/1991).

Sob a justificativa do condicionamento da empregabilidade à titulação em nível superior, a nova forma de bio-política dirigiu seu olhar vigiador à necessidade da escolha de um curso de terceiro grau, a despeito de a prática não confirmar essa relação condicionadora como necessária.

Essa nova forma de bio-política, sob o exer-

cício de um poder sutil, uma vez que se faz sob a aparência da liberdade de escolha, leva jovens de 17 anos à inalienável tarefa de terem de decidir sobre a profissão que os acompanhará, em princípio, pelo resto de suas vidas. A angústia de todo jovem no cumprimento desse ritual de passagem invisível da vida de adolescente para a de um indivíduo em processo de profissionalização é de pleno reconhecimento da sociedade contemporânea.

O caráter de regime de verdade (Foucault) que ganha essa determinação se constrói por discursos que ressoam em toda sociedade e se legitimam por um movimento convergente entre os discursos enunciados nos cadernos de empregos dos jornais, nas propagandas que vendem a imagem de pessoas graduadas como bem sucedidas e os discursos enunciados pelas expectativas dos familiares; essa legitimação é ratificada pela inquestionabilidade de sua validade pelos jovens. Não constitui nada mais do que um elemento da memória discursiva – definida por Courtine (1981, p. 53) como aquilo que concerne à “existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas determinadas pelos aparelhos ideológicos” – de que a educação determina um futuro bem sucedido. Courtine & Haroche (1994) afirmam que a linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos.

O caráter sócio-histórico, portanto, ideológico dessa necessidade de escolha da carreira se vê refletida nos índices de desistência dos cursos anualmente divulgados pelas universidades. Nada mais foucaultiano sob o ponto de vista da revelação de que o poder não é local, mas relacional, no sentido de que os jovens também exercem o poder resistindo ao poder que lhes é exercido. Não se poderia deixar de evocar a vontade de poder de Nietzsche (1981) e as pequenas revoltas de De Certeau (1996) que os movem.

“As ‘identidades’ – diz Bauman (2005, p.19) – flutuam no ar, algumas [são] de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”.

Esses diferentes discursos mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação. As contradições, assim, são inevitáveis, ou melhor definidas, constitutivas do discurso do sujeito; daí todo discurso ser constitutivamente heterogêneo, uma vez que todos os discursos são atravessados pelo discurso do outro ou

por outros discursos (Authier-Revuz, 2004).

A homogeneização pela qual se pretendem indivíduos que, sob a ilusão de liberdade sem limites, submetam-se aos regimes de verdade, remete a processos de subjetivação que se constituem historicamente e de duas formas: pelos modos de objetivação que engendram os sujeitos, por um lado, e pelas maneiras por meio das quais o indivíduo se constitui como sujeito de sua própria existência, por outro.

Foucault imortalizou-se, para muitos, por sua preocupação genealógica do poder, cujos estudos promovem um deslocamento na forma tradicional com que se considera a biopolítica ou exercício do poder sobre o corpo vivente. Não mais pensando o poder como prerrogativa centralizada e aniquiladora daquele que o detém sobre aqueles que dele são desprovidos, Foucault imputa-lhe uma positividade e uma produtividade, no sentido de que o poder transforma corpos amorfos em corpos adestrados, disciplinados, dóceis, produtivos para o capitalismo. Fazem parte dessa fase dos estudos genealógicos do autor a obra “Vigiar e Punir: a história do nascimento da prisão” (1975/1984²), cuja preocupação constituiu a análise dos processos sócio-históricos de submissão do corpo ao confinamento em espaços destinados à observação do delituoso para se obter seu disciplinamento. Na obra “Nascimento da Clínica”, Foucault (1963/1994) preocupou-se com o isolamento do indivíduo doente, objetivando a proteção dos sãos, em espaços de controle pelo Estado, cujo olhar produziu o saber médico. Em “História da Loucura”, o autor (1972/1997) imputa uma determinação sócio-histórica, portanto, ideológica da classificação do indivíduo louco, portanto da verdade psiquiátrica. Esses estudos levam o autor à postulação de uma relação entre o poder e o saber, no sentido de que o exercício de poder sobre um indivíduo produz um saber sobre ele. Daí se falar na subjetivação foucaultiana como produto do exercício de poder: a subjetivação em Foucault constituiria os processos de objetivação do indivíduo.

Em seus estudos ulteriores e inacabados, Foucault desfoca a preocupação sobre o que o poder faz do sujeito e dirige o foco para o que o sujeito faz do que o poder faz dele. Embora esse sujeito tivesse aparecido em muitas de suas obras, ganha estatuto privilegiado nas últimas obras que se preocuparam com uma “Hermenêutica do Sujeito” (1981-1982/2006). Especificamente no que diz respeito à escrita, ao falar sobre a própria experiência como autor, Foucault (2004c) admite a insurgência de aspectos da escrita, no ato da escrita, que se lhe escondiam, reconhecendo dever deslocar-se da positulação que o tornou conhecido como aquele que

decretou a morte do autor (1069/2004a). Consta, também, dessa fase de estudo, a reflexão sobre a constituição do sujeito pelo exercício da escrita, a partir da atividade da leitura, das hypomnemas ou anotações e posterior resgate delas, no ato da escrita, reflexão esta que se tornou conhecida pelo artigo que se intitulou “A Escrita de Si” (1991/2004b).

Há, pois, em Foucault, processos coletivos de subjetivação, uma vez que históricos, no sentido de que só é possível se falar de subjetivação a partir da objetivação do sujeito, e processos individuais de subjetivação, no sentido de que o indivíduo encontra, nesse processo de objetivação, formas de se construir. Trata-se, pois, em Foucault, de uma subjetividade da ordem da história.

Imigração, identidade e processos de identificações

Considerar os processos de identificações implica pensar o conceito de identificação e, para efeito de pertinência à análise a que se propôs este artigo, restringe-se à noção de identificação como concebida por Lacan, o que implica, por sua vez, assumir um sujeito do inconsciente e o corolário dessa admissão de que o inconsciente se estrutura como linguagem.

Pensar essa noção de identificação significa precaver-se de uma redução a uma relação de identificação ente duas pessoas, A e B, relação essa que se estabelece por uma transformação, por identificação, de uma pessoa A – já consistentemente estabelecida – em B, do que se conclui que “A adota os traços de B, A identifica-se com B” (Nasio, 1995, p. 95).

Em psicanálise, a relação identificatória subverte esse esquema do sentido corrente, por não a considerar como um processo que ocorre entre duas pessoas, mas em uma única pessoa, no campo do inconsciente: a identificação tem lugar entre duas instâncias inconscientes. Em Freud, embora se conservem os termos A e B, assim como a transformação de um em outro, subvertem-se suas bases, pela substituição das “relações intersubjetivas por relações intrapsíquicas” (Nasio, 1995, p. 99). Em Lacan, essa subversão é radicalizada, por não se considerar que um termo se transforma no outro, mas que um dos termos cria o outro: a identificação não apenas é inconsciente; também não significa apenas engendramento, mas é invertida no sentido de que não é A que se torna B, mas que B produz A. Trata-se de uma relação de causalção, processo ao qual Lacan denomina de “processo de causalção do sujeito do inconsciente”: a identificação significa que a coisa com a qual o eu se identifica é a causa do eu, ou seja,

o papel ativo desempenhado pelo eu, passa a ser desempenhado pelo objeto; o agente da identificação não é o objeto, mas o eu.

A identificação em Lacan designa, assim, a emergência de uma nova instância psíquica – o eu – que instaura a categoria da identificação imaginária, além da primeira, a identificação simbólica, que está na origem do sujeito do inconsciente.

Os componentes da identificação imaginária, de importância para o presente estudo, constituem a imagem que se faz de si e o eu. Esse eu, no momento inicial do seu processo da formação – denominado por Lacan como estágio do espelho – é mero esboço que se consolidará em outras experiências imaginárias, não mais globais, mas parciais. A visão global de sua imagem refletida no espelho, impactante para a criança que, até então, via-se como um corpo despedaçado, não mais se repetirá, mas marcá-la-á para sempre. Lacan (1969/1998), em seu artigo em que desenvolve a noção do estágio do espelho, explica que, na fase do corpo despedaçado, a criança, para se constituir como indivíduo, necessita de um outro como espelho no processo da construção de seu “eu”; em outras palavras, a criança, para se constituir como indivíduo, precisa de alguém que lhe responda quais caminhos deve tomar, para onde deve ir e como deve se comportar, para que possa se alienar e se construir como “eu”. Essa primeira operação para a constituição do sujeito como “eu” é denominada por Lacan de *alienação*. Os “processos de identificações” dizem respeito a uma busca, sempre por se realizar, desse “eu” primeiro, uma vez que o eu constitui uma nova instância psíquica que se forma no correr das identificações imaginárias sucessivas de um sujeito do desejo do Outro.

Explique-se esse estatuto do sujeito como sujeito do desejo do Outro. A existência física do sujeito no mundo resulta do desejo de seus pais. Quaisquer que sejam os complexos motivos que envolvem o desejo dos pais (prazer, vingança, imortalidade, poder, satisfação), eles continuam a agir sobre o sujeito, após seu nascimento. O sujeito, assim, é causado pelo desejo do Outro. É nesse sentido que a alienação se descreve não só em termos de linguagem, como em termos de desejo.

A mãe, o outro que o desejou, mostra-se desejante, isto é, incompleta, faltante ao sujeito vir-a-ser alienado, constituindo-se um Outro barrado, em virtude de ela ser levada a não acolher os desejos desse “sujeito virtual”; ela não os acolhe por inúmeras razões, entre as quais a de ter de garantir a própria sobrevivência do filho ou a de atender aos próprios desejos da mãe – o pai, a profissão, o lazer –, desejos esses que não o envolvem.

Na segunda operação para a constituição do sujeito, denominada por Lacan de *separação*, o “sujeito-virtual” se faz desejante para continuar desejado pela mãe, o outro, na tentativa de preencher a falta do Outro com a sua própria falta-a-ser, manifestando seu desejo e sempre fracassando. É nesse sentido que, para Lacan, a falta e o desejo são co-extensivos. É dessa tentativa, incessante, de atender aos desejos da mãe como a uma ordem que Lacan (1966/ 1998: 41) elabora seu postulado “Le désir de l’homme, c’est le désir de l’Autre”, [O desejo do homem é o desejo do Outro], assumindo a ambigüidade desse “do” de “do Outro” pelas duas leituras de “O desejo do homem é o mesmo que o desejo do Outro” e “O homem deseja o que o Outro deseja”. O desejo do Outro começa a funcionar como causa do desejo da criança; essa causa produz, por sua vez, o desejo do outro (Fink, op. cit.).

Entre 1958 e 1959, no Seminário a que chamou “O desejo e sua interpretação”, tomando a peça Hamlet de Shakespeare, Lacan explica como funciona a relação do sujeito com seu desejo: desejo como sendo do Outro. Hamlet, o herói imortalizado por Shakespeare, teve a missão de vingar a morte do pai. O espectro do rei e pai retorna-lhe como um fantasma para dizer a seu filho Hamlet que tinha sido morto pelas costas pelo traidor e tio de Hamlet, Cláudio, que havia se casado com a mulher do morto, a rainha Gertrudes. Toda a peça trata das dificuldades de Hamlet para poder se vingar da morte do pai – como o desejo do Outro, isto é, o desejo do pai – o que acaba por acontecer em meio a outras tragédias que culmina com a sua própria morte.

É nesse sentido que o sujeito lacaniano é um sujeito cindido e a sua totalidade é, apenas, imaginária. As relações interpessoais, assim, fazem-se segundo relações imaginárias entre “eus”, longe de se manterem apenas na infância, essas relações de identificação vão se estender por toda vida. As relações que ocorrem com o Outro como linguagem, conhecimento, lei, carreira, autoridade, ideais e com objetos designados pelo Outro como diploma, sucesso, casamento são chamadas relações simbólicas (Fink, op. cit. : 111). É nessas relações imaginárias e simbólicas que se pode produzir o discurso lacaniano, nas quais se inclui as relações que dão origem à identidade nacional.

Em posfácio ao livro de Charles Melman, *Novos Estudos sobre Histeria*, é publicada uma conferência pronunciada em Montpellier em 1984 em que afirma:

É fácil reproduzir experimentalmente as condições da histeria; basta, para isso, que um

sujeito participe de uma comunidade na qual não possa autorizar sua palavra de Pai, da qual se supõe ser o fundador. A partir daí ele é levado a ocupar, em relação a essa comunidade, o lugar do Outro, ou seja, o lugar onde deve renunciar, recalcar as expressões de seu desejo e, para fazer aceitar, agradar, seduzir.

Por não ser individual, mas aparentemente coletivo ou efeito de vivências coletivas, a imigração não afeta menos o que há de singular em cada um. Contudo, se os psicanalistas não podem negligenciar a complexidade, que assim se revela, das filiações, ainda menos o podem os lingüistas.

Análise de corpus

Precedendo à análise do corpus de pesquisa, procede-se à apresentação da condição de produção do discurso pesquisado e em relato.

A composição de corpus de pesquisa levou em consideração o princípio fundador da análise do discurso de perspectiva francesa, contemplando as regularidades discursivas, isto é, as repetições que remeteriam a um dizer sócio-histórico e, portanto, ideológico.

Os recortes de que se constituiu o corpus foi, a princípio, determinado por uma contingência da rotina pedagógica de correção de textos redigidos em atendimento a uma atividade preliminar, na disciplina de Comunicação Empresarial em cursos superiores de tecnologias em finanças, em logística e em informação, na qual os alunos recém ingressos relataram as razões pelas quais se inscreveram nesses cursos.

A delimitação do corpus decorreu da percepção de contradições presentes em textos redigidos por três alunos de origem oriental, mais especificamente de filhos de filhos de imigrantes japoneses e da percepção de que essas contradições diziam respeito a abandonos de cursos superiores anteriores. Essas contradições que poderiam ser, a princípio, consideradas idiossincráticas, ganharam a dimensão de regularidade discursiva, quando levada em consideração no que diz respeito aos abandonos de cursos anteriores, já mencionados por outros alunos igualmente nipo-brasileiros ingressantes em cursos superiores. Relatos informais de alunos de que tinham iniciado seus cursos superiores para os quais foram aprovados e voltaram para as carteiras do curso preparatório para exames vestibulares, enunciando como justificativas para suas voltas as incertezas de que tinham realizado as escolhas dos cursos certos, constituíram, assim, a regularidade discursiva que sustenta a composição do corpus em análise.

Considerado o princípio metodológico da regularidade discursiva, elegeram-se, para compor o corpus de pesquisa, como já mencionado, os textos de três alunos nipo-brasileiros nos igualmente mencionados cursos superiores de tecnologia.

Levando, assim, em consideração esse fundamento metodológico segundo o qual se analisam aspectos que se iteram, adindo a esse fundamento os aspectos teóricos demandados pelo corpus e a limitação normativa da extensão do artigo, elegeram-se o texto de um aluno de origem nipo-brasileira (doravante ANB) codificado como 1, por representar os outros textos dos dois sujeitos de pesquisa.

Analise-se um fragmento de texto de ANB1, no que diz respeito à contradição que se enuncia em relação às desistências de cursos superiores anteriores:

Na minha primeira experiência em vestibular, escolhi fazer um curso de exatas porque achava que tinha facilidade em cálculos. Todos os meus professores também pensavam assim. Realmente, aos 17 anos, recém-saído do nível de ensino médio, tive sucesso no vestibular e fui estudar Ciência de Computação.

Foi uma euforia geral em casa, eu tinha a expectativa de morar fora e só, é claro que havia um pouco de orgulho, afinal eu tinha passado num vestibular. Entrei na rotina da faculdade. Depois de um tempo comecei a achar tudo aquilo muito monótono: cálculo, cálculo... Comecei a sentir que havia uma diferença entre ter facilidade e gostar de uma coisa. Comecei a pensar se gostaria de fazer aquilo para o resto de minha vida, apesar de dizerem que havia mercado e a remuneração estava em alta. Comecei a me questionar se valia a pena estudar uma coisa que achava que meu pai queria que eu estudasse. Fiquei um tempo sem saber o que fazer, até que resolvi abandonar o curso.

Meu primeiro problema foi contar a decisão para meus pais. Para eles, filhos de imigrantes, prestar o vestibular e cursar o nível de ensino superior não era uma escolha, mas uma obrigação. Tinha sido assim com eles. Seus pais (meus avós) viam na graduação de seus filhos a possibilidade de saírem da condição inconsistente de imigrantes que se dedicavam à atividade instável do comércio. Por essa razão todos os seus filhos se graduaram e ninguém herdou a quitanda dos pais. Meu pai é engenheiro e me parece realizado.

Bem, agora estou aqui, acho que finanças tem a ver comigo. Só sei que escolher escolher

não é fácil..

Submetendo-se o texto a uma leitura global, percebe-se que ANB1 quase não se refere às razões que o tinham levado a se inscrever no curso de Finanças, como solicitava a proposição da atividade de escrita. Em seu texto, predomina o relato memorialista sobre sua experiência acadêmica anterior inconclusa e a digressão a partir desse relato, igualmente memorialista.

Resgatam-se, em seguida, os dois enunciados que se contradizem: no primeiro parágrafo de seu texto, ANB1 afirma *escolhi fazer um curso de exatas porque achava que tinha facilidade em cálculos*; na última frase do segundo parágrafo, entretanto, ele afirma *Fiquei pensando se valia a pena estudar uma coisa que meu pai queria que eu estudasse*.

Observe-se como ANB1 inicia seu texto afirmando que a inscrição no curso que iniciara e abandonara tinha sido determinada, apesar das menções dos professores, por sua escolha, sob a pressuposição da facilidade em trabalhar com cálculos para, logo em seguida, mencionar que escolhera Ciência de Computação em atendimento ao desejo de seu pai.

Note-se como a menção à suposta influência (se não à determinação) da vontade de seu pai na sua escolha se faz no momento posterior a uma sequência de questionamentos por meio dos quais começara a pensar em si. Como que procedesse a uma associação livre de invenção freudiana, ANB1, em um movimento de se dobrar sobre si mesmo, parece proceder a uma confissão de ordem foucaultiana e dar vazão a um discurso histórico lacaniano: Comecei a sentir *que havia uma diferença entre ter facilidade e gostar de uma coisa*. Comecei a pensar *se gostaria de fazer aquilo para o resto de minha vida, apesar de dizerem que havia mercado e a remuneração estava em alta*. Comecei a me questionar *se valia a pena estudar uma coisa que meu pai queria que eu estudasse*. Note-se a gradação, sem, certamente, que tivesse controle sobre esse efeito: *comecei a sentir, comecei a pensar e comecei a me questionar*. Começara por pôr em xeque os valores instrumentais, por excelência, como facilidade para cálculos, mercado de trabalho e remuneração, valores capitalistas, homogeneizantes, docilizadores, parecendo rebelar-se (para além de uma pequena revolta sugerida por De Certeau) contra um regime de verdade de forma(ta)ção de uma identidade globalizada que lhe é impingida. Note-se, ainda, o caráter aspectual do verbo *começar* cujo sentido é o de um processo que será continuado, além da escolha – sem, certamente, que dessa escolha tenha consciência – pelo uso desse verbo como locução verbal

que lhe confere um efeito de sentido de ação durativa; essa escolha permite a interpretação de que se trata de um processo eivado de reflexões.

No fim desse discurso histórico, chega a um discurso incontrolável, não mais sócio-histórico, mas psicanalítico: questiona-se se deveria cumprir os desejos do pai, quando, no começo do texto, afirmara que tivera liberdade na escolha (eis a contradição enquanto simulacro material dos interdiscursos do discurso do outro e do discurso do Outro).

A partir de então, note-se como ANB1 promove uma absoluta digressão e se dirige à trajetória do pai, concluindo: *Meu pai é engenheiro e me parece realizado*.

Essa digressão pela qual resgata a trajetória da maioria dos filhos de imigrantes japoneses parece conduzi-lo à conclusão de que o pai é feliz porque cumpriu os desejos de seus pais: todos os seus filhos (dos avós) se graduaram (como eles desejaram) e *ninguém herdou a quitanda dos pais*. Meu pai (que, como Hamlet, cumpriu os desejos do pai e) é engenheiro e me parece realizado.

Ainda com relação a essa digressão também não se constitui, na concatenação do relato, um mero desvio, mas se realiza como memórias discursivas (históricas) e “especulares” (psicanalíticas). Se, até então, vinha discutindo o questionamento sobre a escolha do curso, passou, a partir desse ponto, para um discurso histórico sobre a graduação em si.

Por que ANB1 traz esse dado de que temia contar para os pais, uma vez que a inscrição em terceiro grau era inegociável, se ele não estava questionando esse ponto? Para que se realizasse como o pai, não bastaria que cumprisse o desejo do pai de se inscrever no nível de ensino superior e é o que ele fizera?

Há que se compreender que ANB1 vive um momento sócio-histórico diferente do de seu pai: ANB1 não vive a inconsistência da vida de filhos de imigrantes que vivera seu pai. Enquanto filhos de imigrantes – estrangeiros (estranhos) que guardam os sentidos etimológicos de estranho como “hóspede”, estranho a quem se deve acolhida, mas também como “hostil”, estranho, adverso, diferente do país que os acolheu –, coube-lhes a tarefa de se integrar ao país acolhedor de seus pais, para tirá-los da condição de estranhos.

No cumprimento dessa tarefa, a geração de seus pais, a dos primeiros nipo-brasileiros, quebrara um possível círculo vicioso da reprodução de classes. A despeito de, tal como o hífen do adjetivo pátrio ser incapaz de apaziguar os embates entre os traços nipônico e brasileiros (não se constitui palavra composta por aglutinação), constituíram-se como

um minotauro cuja metade reclama a outra metade (Uyeno, 2003), seus pais subjetivaram-se como não-tão-estranhos, por não mais reproduzirem o fazer histórico de metecos (comerciantes) que cabiam aos estrangeiros.

Por ter rompido esse, se continuado, círculo perverso, seu pai vê a graduação como a única solução, mas ANB1 não poderia fazer o mesmo. Sua contingência familiar suscita-lhe a necessidade de ver a graduação sob outras perspectivas, quais sejam: *dever gostar do que virá a fazer, não ser determinado pela demanda do mercado de trabalho ou pela remuneração* que menciona em seu texto.

Observe-se, entretanto, que a angústia de ANB1 não está exatamente em fazer ou não o nível de ensino superior, mas em que carreira escolher. Sua angústia também não está em não cumprir o desejo do pai em relação à carreira. Retome-se, para análise dessa outra angústia, a passagem relativa à menção ao desejo do pai: *Comecei a me questionar se valia a pena estudar uma coisa* que achava que meu pai queria que eu estudasse.

Ao contrário do que ocorreu em relação aos determinantes identitários instrumentais, não se poder dizer que ANB1 se rebela, uma vez que se questiona se valia a pena estudar o que julgava que seu pai queria que ele estudasse. Não há menção em seu discurso de que seu pai tivesse lhe exigido que fizesse um curso da área das ciências exatas como ele (o pai) fizera, o que nos permite concluir que a angústia é da ordem do amor do Outro: ANB1 escolhera o que imaginava que o pai desejava que ele fizesse. Em outras palavras, ANB1 desejava o desejo do pai por ele (ANB1): ele desejava (como Hamlet) atender aos desejos do pai.

O amor do Outro em seu outro significado se faz perceber quando ele enuncia: *Meu pai* (que, como Hamlet, cumpriu os desejos do pai e) *é engenheiro e me parece realizado*. ANB1 deixa perceber que ama o amor do Outro no sentido de que deseja os desejos do pai, quais sejam, entre outros desejos, o de ter cumprido o desejo de seu pai e ter-se graduado, o de ter desejado fazer Engenharia e o de ter-se realizado tendo feito esse curso.

Em síntese, ANB1 ama o amor do Outro nos dois sentidos: ama o desejo do pai e ama o desejo do pai por si.

Isso se explica porque a identidade não é monolítica; trata-se de identidades fluidas e, das quais algumas são de nossa própria escolha, mas outras são lançadas pelas pessoas em nossa volta (quaisquer que sejam: pais, professores ou da sociedade), e daí ser preciso estar em alerta constante para defender aquelas em relação a estas (Hall, 2006): as

contradições presentes no texto de ANB1 parecem constituir exatamente esse alerta. Há, nesse processo, uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente, o que se explica por sua conclusão: *escolher é difícil*.

Também, ao enunciar *acho que Finanças tem a ver comigo*, ANB1 não só revela esse caráter da “diferença” derrideana de um adiamento permanente do sentido, mas parece revelar, também, a economia do dispositivo da confissão e da atividade da escrita como uma relação de poder-saber: ao ser instado a escrever sobre si, teve acesso a aspectos que se escondem a si e permite – ainda que disso não se dê conta – uma hermenêutica de si mesmo. A atividade da escrita em nível universitário revela, aqui, cumprir a tarefa que transcende à da atividade lingüística e prova-se auxiliar na minimização, ainda que o redator dela não se dê conta, da vontade inelutável de saber de si (Uyeno, 2005; 2006).

Não menos significativo é o enunciado *Finanças tem a ver comigo*: não é ele que tem a ver com finanças, mas Finanças é que podem ter a ver com ele, e ele parece vislumbrar a transferência.

Considerações finais

A análise do corpus, constituído de textos redigidos por alunos de nível de ensino superior e filhos de filhos de imigrantes japoneses no Brasil, revelou que não se tratava de uma contradição de ordem lingüística, mas discursiva. Essa contradição se revelou tratar de um simulacro material do interdiscurso pelo qual o sujeito se revela afetado não só pelo discurso do outro, como tal, da memória discursiva, mas pelo discurso do Outro, como tal, de uma “memória especular” psicanalítica. Heterogêneo constitutivamente (Authier-Revuz, 2004), o discurso do filho do filho de imigrantes japoneses revelou abrigar dois embates: um sócio-histórico que engendra a sua subjetividade e outro psicanalítico que engendra suas identificações. Esses embates remetem a uma identidade pós-moderna e, como tal, cindida entre o que efetivamente vive, hoje, em um Brasil globalizado e o que viveram seus pais em história recente como filhos de imigrantes.

Mais detalhadamente, seu discurso revelou que não se sentem *chez-soi*, “em casa”, que vivem determinados pela expectativa de que em algum lugar vão estar total e plenamente em casa (Bauman, 2005). Revelou, ainda, serem derrotados pelo amor do Outro, seus pais, nos dois sentidos: de desejarem o desejo de seus pais por eles (filhos) e de desejarem o desejo de seus pais, qual seja de terem vencido a

luta pela construção de suas identidades como filhos de imigrantes. Isso se explica porque as identidades se volatilizam no ar, uma vez que, se algumas delas são de nossa própria escolha, outras são emitidas pelas pessoas com as quais convivemos, e é muito difícil defender as primeiras em relação às últimas, de que fala Hall (2006). Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos desastrosos os seus efeitos. Pode-se até começar a sentir-se “*chez-soi*”, “em casa”, em qualquer lugar, mas o preço a se pagar é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa (Bauman, 2005, p. 20).

A análise permitiu, ainda, a comprovação da economia do dispositivo da confissão postulado por Foucault (1993) e da escrita de si também de postulação foucaultiana (2004b; 2004c): a atividade da escrita, para além de uma tarefa de ordem pragmática e instrumental, permite ao redator a hermenêutica de si mesmo, minimizando, ainda que um pouco, a angústia socrática de se saber que não se sabe (Uyeno, 2005a, b). Isso se explica porque presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, a verdade só se completa naquele que a acolhe. A verdade, assim, mais do que extorquida, emerge no próprio processo da confissão.

Por outro lado, por um efeito performativo que é peculiar à confissão, o discurso de verdade adquire efeito não em quem o recebe, mas sim naquele de quem ele é extorquido. Isso se explica porque a confissão é um ritual de discurso em que o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; é, ainda, um ritual em que a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; constitui, finalmente, um ritual em que a enunciação em si, independentemente de suas conseqüências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe salvação, porque a confissão implica o exame de consciência do indivíduo, que se volta para si mesmo.

Em síntese, os filhos dos filhos de imigrantes revelam-se Hamlets assombrados pelos espectros

dos pais, sem conseguirem realizar os atos que estes lhes reclamam (Roudinesco, 2003), Hamlets hodiernos, pós-modernos, constituídos da falta, em busca de suas identidades. A atividade da escrita em nível universitário revela cumprir a tarefa que transcende à da atividade lingüística e prova-se auxiliar na minimização, ainda que o redator dela não se dê conta, da vontade inelutável de saber de si.

Notas

¹ Em todas as referências ao autor, a primeira data se refere à da edição original e a segunda à da tradução brasileira.

² Em todas as referências ao autor, a primeira data se refere à da edição original e a segunda à da tradução brasileira.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a Transparência e a opacidade*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.
- CERTEAU, Michel: *A Invenção do Cotidiano, artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996
- COURTINE, Jean-Jacques. Lê tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. In: Paris: *Langages* 114 (ps. 5-12, jun., 1994
- COURTINE & HAROCHE. O homem perscrutado: semiologia e antropolgia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. In: ORLANDI, E. et al. *Sujeito e Texto*?. São Paulo: EDUSC, 1988 (p. 37-60)
- DERRIDA, Jacques. *Monolingualism of the Other: the prosthesis of Origin*. Stanford, USA: Stanford University Press, 1998
- FINK, Bruce. *O Sujeito Lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998
- FOUCAULT, Michel. (1969) *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995
- _____. (1969) O que é um autor? In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004a
- _____. A Escrita de Si. In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004b
- _____. (1976) *História da Sexualidade I, a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1993
- _____. (1969) *A palavra nua de Foucault*. “Folha de São Paulo”, 22 de Novembro de 2004c
- _____. (1963) *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1994
- _____. (1971) *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996
- _____. (1972) *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997
- _____. *Microfísica do Poder*. Machado, R. (Trad. e org.), Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.
- _____. (1975) *Vigiar e Punir, história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991
- _____. (2001) *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006
- HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006
- LACAN, Jacques. (1969) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998
- MELMAN, Charles.: *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Editora Escuta, 1992.
- NASIO, Juan D. *Os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995
- NIETZSCHE, Fredrich. *A Vontade de Poder*. São Paulo: Ediouro, 1981
- ORLANDI, Eni. *As Formas do Silêncio: o movimento dos sentidos*. Campinas. UNICAMP, 1993
- PÊCHEUX, Michel. (1969) Análise Automática do Discurso. Traduzido por Eni P. Orlandi. In: GADDET, F. e Hak, T. (Org.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. (1975) Semântica e Discurso: uma crítica à a afirmação do óbvio. In: Gadet, F. e Hak, T. (org.), Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- _____. (1983) *Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003
- SHAKESPEARE, William. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995
- UYENO, Elzira Y.. Determinações identitárias do bilingüismo: a eterna promessa da língua materna. In: Coracini, Maria José R.F. (org.) *Identidade e Discurso*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003 (37-56).
- _____. *Escrita virtual e subjetividade: uma teologia ascética*. Disponível no site www.abralin.org/2006 a
- _____. *A morte do autor e a hermenêutica de si: a aporia fundante da escrita orientada sob suporte virtual*. Disponível no site www.discurso.ufrgs.br/sead/2005 b
- _____. Da autonarração à escrita acadêmica: a constituição da subjetividade do aluno de cursos de especialização. In: CASTRO, S. T.R de e SILVA, E. R. da (orgs). *Formação do Profissional docente, contribuições de pesquisa em Lingüística Aplicada*. Taubaté: Editora Cabral, 2006 (263-291).
- _____. O mal-estar da escrita: para além do letramento acadêmico, um desejo do outro. In: *Anales*

del VII Congreso Latinoamericano de Estudios del Discurso, CDRom, 2007 a.

_____ Dois estranhos que e(in)screvem: o desafio da escrita acadêmica por filhos de imigrantes. Submetido para publicação nos *Anais do VII Congresso da Associação Brasileira de Lingüística Aplicada*, 2007b

_____ Escrita acadêmica, divã e processos de subjetivação. Disponível no site www.discurso.ufrgs.br/sead/2005/trbalhos_aceitos, 2007 c

_____ A escrita e os processos de subjetivação e a Escrita e os processos de identificações. In: *Anais do 4º SePLA*. Taubaté:CDrom, 2008a

_____ O autor da escrita e o Autor da Escrita: o embate inevitável. In: *Anais da 1ª JIED*, 2008b

_____ A identidade e o *ethos* na escrita de pro-

fessores em cursos de especialização: uma escrita (in)tangível de si. Publicado nos *Anais da III SIM-POSIAD*, 2008c

Recebido julho de 2008
Aprovado em dezembro de 2008

Sobre a autora:

Elzira Yoko Uyeno é doutora em Lingüística Aplicada pela UNICAMP e atualmente é docente do Programa de Mestrado em Lingüística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU). Pesquisa nas áreas de Análise do Discurso de perspectiva francesa, psicanálise e desconstrução. Coordena o Projeto CNPq – Unitau: “Subjetividades e identificações: efeitos de (d)enunciação”.